



ternos, blazers e calças

ESTADO DE SÃO PAULO

Economia -
EFEITO Brasil

Collor discute economia de guerra dia 14

Alternativas incluem o contingenciamento de exportações de produtos agrícolas do País

GECY BELMONTE

BRASÍLIA — O presidente Fernando Collor convocou para segunda-feira reunião com os ministros da Economia, Infra-Estrutura, militares e o secretário de Assuntos Estratégicos, para avaliar os efeitos da crise no Golfo Pérsico sobre a economia brasileira. Na reunião, um dia antes do prazo final dado pela ONU para que o Iraque desocupe o Kuwait, serão discutidas as providências que o governo tomará caso ocorra o conflito entre o Iraque e os Estados Unidos. O Ministério da Economia, com base em informações que recebe diariamente da Petrobrás, do Itamaraty e da Secretaria de Assuntos Estratégicos, está levantando fórmulas que podem ser colocadas em execução num cenário de economia de guerra, incluindo desde o racionamento de combustíveis ao contingenciamento das exportações de produtos agrícolas. O presidente Collor, no entanto, disse ontem em Maceió que ainda acredita em uma solução negociada para o conflito.

Segundo um assessor próximo da ministra Zélia Cardoso de Mello, as variáveis decorrentes de uma possível guerra no Golfo Pérsico são imensas. Por isso mesmo, a área econômica não trabalha com medidas estanques. "Estamos levantando um cenário e as hipóteses que podem ser adotadas, com todos os reflexos sobre a economia, e

nessas situações não se pode planejar, é preciso atacar rapidamente os efeitos", diz o assessor. As linhas mestras da política econômica serão mantidas — juros altos, contenção de gastos e abertura de mercado —, mas estarão sujeitas a mudanças provocadas pelos acontecimentos externos.

CAOS

Os técnicos da Economia não têm ilusões de que, se houver guerra entre os Estados Unidos e o Iraque, a economia brasileira enfrentará o caos. "Não há como fugir disso, pois estaremos em uma economia de guerra e vivendo suas consequências", observa. Nesse cenário, o expurgo na inflação dos efeitos dos aumentos do preço do petróleo é uma hipótese que não está afastada, segundo esse mesmo assessor. "Na crise do petróleo de 1973, França, Estados Unidos e Inglaterra expurgaram esses reajustes de suas economias, pois seria burrice computá-los, porque são totalmente extemporâneos", destaca. Na hipótese de se expurgar a alta do preço do petróleo dos índices da inflação, o peso maior recairá sobre os salários. Os assessores da ministra têm consciência disso, mas lembram que as margens de lucros das empresas também seriam achatadas.